



A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO E DO AMBIENTE, PARA O BOM DESENVOLVIMENTO DO APRENDIZ

Arnilda de Paula Camargo¹
Walter Almeida Fernandes²

RESUMO

Considerando as discussões entre educadores na cidade de Anápolis, no estado de Goiás, onde a maioria dos educandos não leem e têm dificuldade em compreender um texto e expressar por escrito o que pensa e o que sente, é que acredito serem relevantes na prática pedagógica a organização estrutural e organizacional da sala de aula para propor caminhos atraentes e despertar a atenção, interesse e organização dos educandos, tornando-os cúmplices do conhecimento adquirido, através da leitura, produção de textos e atividades diárias. O presente trabalho propõe levantar estratégias específicas com embasamento teórico associado à prática pedagógica, de modo que a organização estrutural dos materiais de uso do professor e do educando, tornem ponto de partida para o desenvolvimento linguístico e a aquisição do saber da criança, formando leitores e produtores competentes de textos.

Palavras-Chave: leitura, produção de textos, conhecimento, organização.

ABSTRACT

Considering the discussions among educators in the city of Anápolis, in the state of Goiás, where most learners do not read and have difficulty understanding a text and expressing in writing what they think and feel, I believe that they are relevant in pedagogical practice structural and organizational organization of the classroom to propose attractive paths and awaken the attention, interest and organization of students, making them accomplices of the knowledge acquired, through reading, producing texts and daily activities. The present work proposes to raise specific strategies with a theoretical basis associated to the pedagogical practice, so that the structural organization of the materials used by the teacher and the learner, become the starting point for the development of language and the acquisition of the child's knowledge, forming readers and producers of texts.

Keywords: reading, text production, knowledge, organization.

¹ Pedagoga, especialista em Gestão Educacional. Professora nas séries iniciais da Escola Municipal Professora Nadyr de Souza Andrade. Email - arnildaih@hotmail.com

² Pedagogo, Biólogo, especialista em Planejamento Educacional. Gestor da Escola Municipal Professora Nadyr de Souza Andrade. Email – walterfernandes@edu.anapolis.go.gov.br



INTRODUÇÃO

As exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural.

O mundo passa atualmente por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação, onde, numa economia cada vez mais globalizada, a competitividade desponta como necessária à subsistência humana. No afã de auto superar, o homem moderno terminou o século XX em desarmonia consigo mesmo, sem reflexão crítica sobre as suas reais necessidades, as quais deveriam permear o próximo milênio.

Sobre este prisma, torna-se oportuna a discussão sobre as formas de lidar com os novos tempos e, portanto, emergir o discurso sobre a qualidade de ensino na escola, atentando para a ascensão no nível de educação de toda população e detectando os fatores que possam atender às novas exigências educativas que a própria vida cotidiana impõe de maneira crescente no meio social.

No decorrer de experiências ao longo dos 10 anos no trabalho docente entre creche, educação infantil e ensino fundamental 1º fase e formação acadêmica estagiando no ensino médio e realizando formação continuada abrangendo o meu ramo de atuação observei a importância da organização do material didático e do ambiente para o bom desenvolvimento do aprendiz.

A criança desde o seu nascimento, que vive em um ambiente organizado, consegue assimilar melhor o que lhe é apresentado nesse mundo de cores e muita informação.

O grande desafio é encontrar caminhos produtivos para que as crianças não somente descubram o prazer, mas, também dominem a leitura adquirindo conhecimento, desenvolvendo raciocínio e participação ativa na vida social, alargando sua visão de mundo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA

O ato de ler corresponde ao processo de apreensão da realidade que cerca o indivíduo, incluindo o ato de escrever manualmente. A leitura se revela ao leitor através de variadas formas (visual e oral). Portanto, o ato de ler não diz respeito à apreensão da realidade somente através do texto escrito: é a interpretação do pensamento expresso por símbolos da escrita com a vivência e a afetividade do leitor.

Ler implica uma técnica. É uma aptidão, mas também uma arte. O seu encanto não se extingue com os anos, mas aumenta e, se é verdade que o pensamento e a linguagem se desenvolvem juntos, também é verídico que a leitura e escrita caminham de mãos entrelaçadas e na medida em que esse desenvolvimento facilita a regulação da conduta, a leitura e a escrita podem ser uma escola de civismo, de tolerância, de participação, de compromisso com a natureza e o meio que se vive, podendo funcionar como prazer lúdico: se a forma culta de aprendizado cumpre uma função social e pessoal.

Ler compreensivamente e escrever adequadamente servem como aprendizado linguístico-literária, mas também como ferramenta básica para a aquisição dos conteúdos das outras disciplinas (aplicável não só na leitura de qualquer tipo de enunciados, mas também na elaboração de resumos, resenhas, notas, fichas, esquemas, registros, etc).

O formador deve conseguir que os educandos acedam à literatura de diferentes maneiras. Cada docente tem uma história pessoal e profissional distinta e também preferências próprias. Mas todos nós estamos de acordo em que o ensino aprendizagem não pode consistir num processo passivo.

No âmbito educacional em especial na alfabetização, notei que professores organizados terão alunos organizados. Ao apresentar o uso da lousa e giz para o aluno, com intuito de apresentar-lhe o mundo da escrita convencional, deve haver uma organização do material a ser apresentada (a letra e seu traçado), A transição da letra bastão para a letra cursiva em meados do 1º ano e início do 2º ano é de suma importância para o desenvolvimento da criança que já nasce inserida em um mundo letrado, mas que ainda não está alfabetizada. É também necessário que se apresente o traçado da letra da forma correta e em um tempo real que a criança consiga entender o que está acontecendo naquele processo de transição. Em grande maioria das vezes, o professor alfabetizador vai até lousa munido de giz,

enche a lousa de símbolos que para algumas crianças são meros desenhos e pede para que a criança reproduza em um caderno que não tem nada a ver com o quadro nem no tamanho, nem na cor e o principal com demarcação (linhas retas) que não existem na lousa.

Conforme GADOTTI (1982, P.09), todas as definições sobre o que é ler levam à existência de um “leitor”, de um “código” e de um autor. Através do código, o autor expressa os seus pensamentos, comunicando-se com o leitor. O código é representado pelo texto que, que deve ser compreendido, ou seja, é necessário que o leitor consiga atribuir-lhe significados dentro do contexto histórico em que vive.

É imprescindível que os dirigentes dos diversos segmentos da sociedade convençam-se da importância da leitura e, conseqüentemente, da escrita, pois conforme GADOTTI (1982, p. 17):

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalho apenas a escrever o seu nome ou assiná-lo na Carteira Profissional, ensiná-lo a ler alguns letreiros na fábrica como ‘perigo’, ‘atenção’, ‘cuidado’, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente.

FORMAÇÃO DO PROFESSOR: PERSPECTIVAS, DILEMAS e VIVÊNCIAS

A alfabetização deve ter sentido para o educando. O professor deve estimulá-la trazendo a escrita para a sala de aula, lendo e escrevendo para as crianças e demonstrando que a alfabetização é algo lógico e simples.

Como há a existência de várias compreensões de um texto, o professor não pode recriminar um educando por uma “compreensão errada” (ou seja, uma compreensão que não era a esperada pelo ele), pois o pensamento dele não é errado e sim diferente, o que vale é que o educando teve uma compreensão, o importante é que ele realmente leu e pensou algo sobre essa leitura, que posteriormente deve se ouvida e comenta pelos demais (roda de conversa), momento de enriquecimento e aprimoramento da leitura e interpretação.

Em um belo dia ao introduzir o uso do caderno ofereci uma aula expositiva explicando que iria imitar o caderno dos alunos naquele quadro verde e grande, dividindo o

quadro ao meio, expliquei que aquela linha era a margem do meu caderno grandão, peguei o caderno de um aluno e fiz a comparação visual para todos, oba!!!! Minha sala de aula será nota 10. E assim fui para a lousa “Quer ver a Foca fica feliz” ... realizei a leitura apontada, expliquei o uso da letra maiúscula, o formato correto da escrita de um poema e blá, blá, blá. E agora mãos à obra transcreva o poema para seu caderno e foi ai que percebi que os alunos tem muita dificuldade de visualizar no quadro e transcrever para o caderno, com as letras soltas sem uma linha como base.

Em uma das experiências foi com uma turma de 4º ano, série que já se espera ter noção do uso correto do caderno, observei que grande parte da turma não sabia utiliza-lo da forma correta. Eles entram em pânico quando é necessário passar para a linha seguinte, dificuldade em separar a palavra e assim eles vão diminuindo e espremendo as letras para caberem tudo naquela linha, dentre várias cobranças, uma delas foi: “querido essa letra não fica em cima da linha, você deve descê-la para que o traçado da linha fique correto e você consiga entender o que você próprio escreveu”. E para a minha grande surpresa a resposta: “que linha eu não estou vendo linha no quadro”. Já tinha o hábito de algumas vezes traçar uma linha na lousa e escrever as letras corretamente para melhor visualização dos alunos, mas depois dessa situação passei a traçar a linha todos os dias e ir até a carteira do aluno explicar o traçado correto de cada letra. Também trabalho muito a organização de modo geral da sala de aula, exposição do material, nos armários e prateleiras, o cuidado com zelo com seu próprio material, o espaço do uso do caderno. “A concepção de leitura que a considera como uma atividade a ser ensinada na escola, não como mero pretexto para outros tipos de aprendizagem, está embasada em modelos já bem definidos sobre como processamos as informações. (KLEIMAN, 2001, p. 56).” Informação de como se dá a escrita correta das palavras em minha opinião, é uma das mais importantes.

Modelos sobre como processar informações lidam com aspectos cognitivos da leitura, ou seja, aspectos ligados à relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento. Esses modelos se voltam para os complexos aspectos psicológicos da atividade, apontando para as regularidades no ato de ler, para as atividades intelectuais em que o leitor ideal se engajara.

O conhecimento do aspecto psicológico, cognitivo da leitura é importante porque ele pode nos alertar de maneira segura contra práticas pedagógicas que inibem o desenvolvimento de estratégias adequadas para processar e compreender o texto. Os textos do livro didático exemplificam muito bem os aspectos dificultadores do processamento.

Segundo KLEIMAN (2001), as primeiras etapas no processamento da informação serão examinadas a partir de uma perspectiva que destaque as questões praticas com que o educador se depara: primeiro focalizando aqueles aspectos que apontam para a adequação ou não de abordagens pedagógicas específicas e, segundo, focalizando aqueles aspectos que se insinuam como potenciais dificuldades para o processamento, devendo por isso ser objeto de ação pedagógica facilitadora.

Uma concepção clara do processo cognitivo, entretanto, permite reproduzir em sala de aula, mediante tarefas que imitam o comportamento de leitor competente, aquelas estratégias que caracterizam o comportamento reflexivo, de nível consciente do leitor (KLEIMAN, 2001, p.69).

É preciso que o educador se torne sujeito do mundo da leitura e da escrita, que organiza registros que acompanham o processo de construção do conhecimento de seu grupo, busque textos que componham a pluralidade de práticas sociais de leitura, preocupe-se com a preservação da memória dos grupos sociais com os quais interage, isto é, constitua-se, antes de tudo, em leitor e autor da sua prática pedagógica.

Nem sempre as instituições formadoras de educadores têm o posicionamento político e as condições pessoais e materiais para implementar todas as pré-condições de formação docente necessárias à escola brasileira contemporânea. Igualmente, “face à mudança de paradigmas da educação que têm orientado as novas práticas, há um grande contingente de educadores que são chamados a assumir atitudes e compromissos para os quais não foram formados” (JÚNIOR, 2003, p.45). É justamente nesse momento que se pode avaliar o quanto a leitura e escrita efetivamente preparam os indivíduos para uma atuação comprometida com o contexto: apesar das difíceis condições de trabalho e de vida dos educadores, é notória a frequência como eles têm participado de cursos de educação continuada, refletindo sobre sua prática pedagógica.

Observei que em 70% dos alunos das salas que estive neste começo de ano letivo, devido a mudanças necessárias na unidade escolar, a desorganização é um dos inimigos do desenvolvimento adequado do aluno, cadernos sujos, rasgados, cada dia faz uso uma disciplina em um cadernos de outras disciplinas, e no momento de estudar o aluno não consegue encontrar o conteúdo e muito menos entender o que ele próprio copiou do quadro negro. Essa é uma observação minha em minha prática pedagógica. Meus alunos recortam, colam as atividades, fazem isso por que em minha opinião é na primeira fase que o aluno deve ousar a realizar, mas com uma supervisão bem de perto seguida de orientação. Fazemos bem aquilo que treinamos a fazer, exemplifique, fique de olho, esteja presente na carteira do seu aluno e cobre dele, arranque dele o potencial que está adormecido. Relato que por experiência própria as 4 salas que passei nesse início de ano letivo comprovei com o trabalho realizado que a organização que deve ser cobrada a cada segundo (pois explicar e cobrar uma única vez não é o suficiente, os alunos não fazem de acordo com o orientado, pois falta esse hábito na maioria das famílias, e a organização é uma grande aliada dentro da sala de aula e um facilitador para que o aluno consiga se situar em meio ao seu material escrito – caderno).

A tarefa da escola e de todos os educadores que nela atuam é aumentar o repertório dos aprendizes, facilitar a aprendizagem, gerar condições e ambiente para o estabelecimento de articulação entre informações e conexões múltiplas, análises e sínteses. “É ensinar que ler e escrever promovem socialmente, dão acesso à cultura e ao conhecimento, são um modo de relacionar o que se faz na escola com o que existe fora dela” (BATISTA, 1998, p.72). Nesse sentido, desenvolvem-se através de responsabilidade compartilhada entre formador e educando, em que o primeiro atua como guia, apoio, mediador de cultura e o segundo como sujeito ativo da aprendizagem.

Já está provado por A mais B que a criança já nasce em um mundo letrado e que todo adulto media o desenvolvimento da criança nesse mundo universo cheio de informações, mas é ao entrar em uma instituição de ensino que esse mundo letrado será imposto a criança de forma sistematizada e espera-se que seja elaborada e organizada para que facilite o entendimento de algo tão complexo e ao mesmo tempo simples e mágico. A sistematização da escrita é de suma importância para o desenvolvimento das nossas crianças, pois ao se

apropriar da forma culta da nossa língua se faz necessário que leitura e escrita andem lado a lado, em minha experiência enquanto formadora pude comprovar que crianças que desenvolve bem a coordenação motora fina se sobressai nas mais diversas áreas e habilidades necessárias para uma formação educacional institucional. O desenvolvimento da escrita à mão impulsiona o cérebro a ativar áreas adormecidas ou pouco utilizadas (giros fusiformes, junto com o giro inferior frontal e regiões parietais posteriores do cérebro), ao conhecer o traçado da letra cursiva a criança passa a visualizá-la mentalmente para depois reproduzi-la no papel, ato que facilita a escrita de palavras e conseqüentemente a aquisição da leitura.

Esse mito de que a caligrafia é apenas uma habilidade motora é simplesmente errado. Usamos as partes motoras do nosso cérebro, o planejamento motor, o controle motor, mas muito mais importante é a região do órgão onde o visual e a linguagem se unem, os giros fusiformes, onde os estímulos visuais realmente se tornam letras e palavras escritas", afirma Virginia Berninger.

Experiência comprovada por alunos de uma turma de 2º ano do ensino fundamental, na qual os alunos conseguem soletrar a palavra oralmente, porém não conseguem grafar a palavra no papel e conseqüentemente não conseguem ler ao visualizar a palavra escrita em nenhuma forma de letra (impressa ou cursiva), ao desenvolver o trabalho de consciência fonológica juntamente com a escrita cursiva com essas crianças observei que elas passam a conhecer melhor os diferentes tipos de letras e a desenvolver simultaneamente a leitura e escrita com um menos receio e pavor. Sim pavor, pois como ele está inserido em uma sala que outras crianças que já ler e escreve sem dificuldade, ele se sente diferente, diferença que trás ansiedade e conseqüentemente atraso no aprendizado.

Segundo Emília Ferreiro: “Não se deve ensinar, porém deve-se permitir que a criança aprenda”. Algo que ao longo da minha prática docente discordo, pois principalmente nos últimos meses comprovei através do meu trabalho diário que é necessário sim ensinar o traçado da letra para a criança, porque quando a criança apenas visualiza ela não consegue reproduzir a letra de forma adequada que ela possa ler posteriormente, pois a letra traçada de forma errônea fica perdida em meio a um monte de símbolos sem nexos e sentido.

No último dia 24 de abril do decorrido ano, em um curso de formação no Centro de Formação dos Profissionais da Educação CEFOPE, uma das companheiras de trabalho ressaltou de que em breve não estaríamos mais utilizando a escrita manual e sim a forma digital de leitura e escrita, eu prontamente discordei, pois trabalho em uma região pobre da cidade e sei que a inclusão digital ainda é algo bem distante da nossa realidade, pois grande ainda grande parte de nossas famílias tem acesso reduzido a novas tecnologias, o suporte para nós professores ainda é ineficiente e inadequado, não nego que estamos a caminhar para que isso aconteça, mas em passos lentos, muito lentos. O valor de aparelhos eletrônicos que possibilitaria o uso de um equipamento por aluno em sala de aula e a disponibilidade de uma internet eficiente para desenvolver a escrita digital integral dentro de uma sala de aula ainda é algo bem distante da nossa realidade, sem contar que nossas famílias assalariadas possuem apenas um celular com uso reduzido de dados móveis que não favorece o contato com esse mundo digitalizado e que nossas crianças não se interessam por leitura e escrita utilizando um mini computador, cheio de outros atrativos mais prazerosos e menos exigentes de atenção e esforço para fazer o uso, sem contar no prejuízo para a saúde mental que a visualização de uma tela. A Preocupação de profissionais da saúde segundo a pediatra Larin James: “acho que pode ser mais um caso em que deveríamos tomar cuidado para que a atração do mundo digital não leve embora experiências significativas que podem ter impacto real no desenvolvimento rápido do cérebro das crianças”. Dominar a caligrafia, mesmo com letras bagunçadas e tudo, é uma maneira de se apropriar da escrita de maneira profunda.

Minha pesquisa global se concentra na maneira como o aprendizado e a interação com as palavras feitas com as próprias mãos têm um efeito realmente significativo em nossa cognição. E também como a caligrafia muda o funcionamento do cérebro e pode alterar seu desenvolvimento”, explica Larin James.

Relato em minha prática docente que obtive melhores resultados ao ensinar e não apenas mediar o desenvolvimento da escrita de letras e palavras, faço linhas no quadro e

explico pacientemente como se faz o traçado de cada letra, possibilitando a junção de cada uma formando conseqüentemente as palavras, frases e textos, algo cobrado em avaliações nacionais que avaliam o andamento do ensino brasileiro. Olhando pelo lado da perspectiva de avaliação que recai sobre nós formadores docentes de nossos alunos a má qualidade do aprendizado de nossos alunos, precisamos retomar algumas formas eficazes de passar a forma culta da escrita e leitura para nossos aprendizes: (o uso correto do caderno, parágrafos, letras maiúsculas em seus lugares adequados e necessários, acentuações e pontuações...). Muitos dos leitores ao lerem esse artigo dirão que já realizam essas intervenções, mas será que o fazem de forma eficaz e consistente? Esse é um trabalho que exige disciplina, organização e persistência diária e contínua, haja perna e agachamento, é necessário que o professor recorra às carteiras dos alunos, orientem, apaguem, expliquem e reforcem a cada segundo o que é necessário para uma escrita correta que acarreta em uma leitura adequada e conseqüente aprendizado eficiente e produtivo. Pois crianças que conseguem ler e entender o que escreveram são crianças alfabetizadas ortograficamente e conseqüentemente passam a desenvolver seu próprio conhecimento com maior segurança e se apropriam dessa ação de criação textual seja no papel convencional ou no mundo digital.

REFERÊNCIAS

KLEIMAN, Â. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 5 ed., Campinas: Pontes/Ed. da UNICAMP, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23 ed., São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**. 34 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GADOTTI, Moacir. **O que é ler? Leitura: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 16-17, Nov. 1982.

TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.